AS CONTRIBUIÇÕES DAS MULHERES NEGRAS PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA A PARTIR DA NOÇÃO DE CRUZO

Gislene da Silva
Elton Bernardo Santos
Alekin Ambroso
Simone Mestre
Uiversidade Federal de São Carlos- Ufscar

Eixo 03 - Educação para as relações étnico-raciais

gislene.silva@estudante.ufscar.br

Palavras-chave: Educação antirracista. Mulheres negras. Pedagoagia das Encruzilhadas.

1. Introdução

A construção de uma educação antirracista configura-se como um dos maiores desafios da sociedade brasileira contemporânea, historicamente marcada por uma perspectiva eurocêntrica que privilegia determinados conhecimentos em detrimento de outros, contribuindo para o apagamento e a deslegitimação dos saberes produzidos pelas populações não brancas. Embora importantes avanços tenham sido alcançados por meio das lutas históricas do Movimento Negro, que resultaram na implementação de legislações e políticas voltadas para a valorização da história e da cultura afro-brasileira e africana, como é o caso da promulgação da lei 10.639/2003, ainda persistem práticas e estruturas marcadas pelo racismo e pelas heranças coloniais no campo educacional.

Nesse contexto, torna-se fundamental promover reflexões que contribuam para o reconhecimento de diferentes formas de produção do conhecimento, ampliando as possibilidades de construção de práticas pedagógicas mais democráticas, plurais e socialmente comprometidas.

A valorização de epistemologias negras e das contribuições de intelectuais que problematizam as relações raciais no Brasil representa um caminho importante para a construção da educação antirracista. Ao reconhecer experiências, narrativas e

conhecimentos historicamente silenciados, a escola pode se constituir como um espaço de diálogo, resistência e transformação social. É nessa perspectiva que se insere o presente trabalho, que busca refletir sobre as contribuições das mulheres negras para a construção de uma educação antirracista, a partir das discussões sob a coordenação da Dra. Simone Mestre e do Dr. Alekin Ambroso, tomando como fundamento a noção de cruzo desenvolvida por Luiz Rufino (2019).

2. A noção de cruzo e as contribuições de mulheres negras para uma educação antirracista.

A noção de cruzo, formulada por Luiz Rufino (2019), constitui uma importante ferramenta teórica para a construção de práticas educativas antirracistas. Inspirado nas cosmologias afro-brasileiras e na potência simbólica de Exu, Rufino compreende o cruzo como o encontro, a troca e a interação entre diferentes saberes, experiências e modos de existência. Em oposição à lógica colonial, que historicamente hierarquizou conhecimentos e legitimou apenas referenciais eurocêntricos, o cruzo valoriza a pluralidade epistemológica e reconhece a legitimidade dos saberes produzidos por povos e grupos historicamente marginalizados.

Nesse sentido, a encruzilhada configura-se como um espaço de resistência, criação e reinvenção, no qual diferentes perspectivas se encontram e produzem novos sentidos para a compreensão do mundo. A partir dessa abordagem, torna-se possível reconhecer as contribuições intelectuais e políticas das mulheres negras para a construção de uma educação comprometida com a justiça social e racial. Suas produções teóricas e trajetórias de luta evidenciam formas de enfrentamento ao racismo, ao sexismo e às diversas desigualdades estruturais presentes na sociedade brasileira.

Entre essas intelectuais, destaca-se Lélia Gonzalez (2020), cuja produção teórica evidenciou a articulação entre raça, classe e gênero na constituição das desigualdades sociais. Ao denunciar o mito da democracia racial e valorizar as experiências históricas e culturais da população negra, Gonzalez contribui para a construção de uma perspectiva crítica capaz de compreender o racismo como elemento estruturante da sociedade brasileira. Sua reflexão também enfatiza a importância de reconhecer os saberes produzidos pelas populações negras como fundamentais para a transformação social e educacional.

Da mesma forma, Grada Kilomba (2019) analisa os mecanismos de silenciamento produzidos pelo colonialismo e pelo racismo, demonstrando como determinadas vozes são historicamente excluídas dos espaços de produção do conhecimento. Ao discutir a metáfora das máscaras coloniais, a autora evidencia os

processos que impedem sujeitos negros de falar e serem ouvidos, ressaltando a necessidade de valorização das narrativas e experiências subalternizadas. Sua obra reforça a importância da escuta como prática política e pedagógica fundamental para a construção de uma educação antirracista.

As reflexões de Gonzalez e Kilomba dialogam com a proposta do cruzo ao reivindicarem a valorização de conhecimentos historicamente invisibilizados e ao promoverem o encontro entre diferentes formas de saber. Nessa perspectiva, a educação antirracista não se limita à inclusão de conteúdos sobre a população negra nos currículos, mas implica a transformação das próprias bases epistemológicas da educação. Assim, a noção de cruzo fortalece a construção de práticas pedagógicas comprometidas com a pluralidade de saberes, a valorização das diferenças e a promoção da justiça social e racial, reconhecendo as mulheres negras como protagonistas na produção de conhecimentos e na luta por uma sociedade mais democrática.

3. Conclusões

Com base nas discussões do grupo de pesquisa Pedagogia das Encruzillhadas e na noção de cruzo, proposta por Rufino (2019), concluimos que este conceito ao valorizar o diálogo entre diferentes saberes e questionar as hierarquias produzidas pela lógica colonial contribui com a contrução de uma educação antirracista.

Nessa perspectiva, as contribuições de mulheres negras, como Lélia Gonzalez e Grada Kilomba, tornam-se fundamentais para compreender e enfrentar as desigualdades raciais presentes na sociedade e na educação. Assim, a valorização de epistemologias negras e de narrativas historicamente silenciadas fortalece práticas pedagógicas mais inclusivas, críticas e comprometidas com a educação antirracista.

4. Principais referências

GONZALEZ, Lélia**. Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Organização de Flávia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. p. 139-150.

KILOMBA, Grada. ***Memórias da plantação:*** *episódios de racismo cotidiano*. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

RUFINO, Luiz**.** ***Pedagogia das encruzilhadas*****.** Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.